

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um "mas" no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TINHA UM "MAS" NO MEIO DO CAMINHO: ABORDAGEM FUNCIONAL DE GRAMÁTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS¹

THE CONNECTOR "MAS" AND THE FUNCTIONAL APPROACH IN THE TEACHING OF PORTUGUESE GRAMMAR

Camilo Rosa SILVA
(Universidade Federal da Paraíba)
camilorosa@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo discutir as funções do conector "mas" a partir de dois focos: 1) descrever o comportamento do conector em contextos propícios à mudança gramatical; e 2) refletir sobre a incorporação de pressupostos funcionalistas ao ensino de gramática em aulas de português na educação básica. Os dados provêm dos *corpora*: Editoriais Jornalísticos do Século XX na Paraíba (Silva, 2005) e Linguajar do Sertão Paraibano (Stein et al., 2012). A perspectiva de análise é funcionalista, defendendo que o discurso deflagra a emergencialidade da gramática (Hopper, 1987). A análise dos usos do "mas" sugere possíveis inovações na prática pedagógica do professor da educação básica no que diz respeito ao ensino do uso desse conector.

PALAVRAS-CHAVE: *gramática funcional; ensino; conector "mas".*

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the "mas" connector functions from two focuses: 1) describe the behavior of the connector in contexts propitious to grammatical change; and 2) reflect about the incorporation of functionalist assumptions to the teaching of grammar in Portuguese classes of basic education. The data derives from the corpora: Editoriais Jornalísticos do Século XX na Paraíba (Silva, 2005) and Linguajar do Sertão Paraibano (Stein et al., 2012). The perspective of analysis is functionalist, arguing that the discourse triggers the emergenciality of grammar (Hopper, 1987). The analysis of the uses of "mas" suggests possible innovations in the pedagogical practice of the basic education teacher regarding the teaching of the use of this connector.*

KEYWORDS: *functional grammar; teaching; connector.*

¹ Artigo produzido durante estágio Pós-Doutoral realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, durante o ano de 2018.

0. Introdução

Neste trabalho, refletimos sobre dados de uso do conector *mas* em recortes de língua escrita e de oralidade. O objetivo é descrever o comportamento do item, em contextos de maior ou menor teor opositivo, nos quais sua multifuncionalidade parece indicar direcionamentos de gramaticalização² para o exercício de funções distintas da original, a de conector adversativo. Conjugado a esse primeiro objetivo, que flagra os usos do *mas* em domínio discursivo-pragmático, um outro propósito se efetiva: refletir sobre a incorporação de pressupostos funcionalistas ao ensino de conteúdos gramaticais em aulas de português na educação básica.

Os dados são recortados de dois *corpora*, um de escrita, Editoriais Jornalísticos do Século XX na Paraíba (Silva, 2005), e o outro de oralidade, Linguajar do Sertão Paraibano (Stein et al., 2012)³. Ambos vêm servindo de fonte de dados para uma pesquisa mais ampla que investiga as relações opositivas em português brasileiro. O que nos mobiliza a utilizar amostras das duas modalidades é a perspectiva de defender que tanto escrita como oralidade podem servir de base à prática de análise linguística.

Na perspectiva teórica funcionalista que ora assumimos, a língua em uso deflagra a emergencialidade da gramática (Hopper, 1987), o que significa defender a influência do contexto na função-significado exercida pelos componentes linguísticos. Nessa conjuntura, a proeminência da função pragmática na construção dos textos e de seus sentidos assume significativo relevo. Assim, como ponto de partida, pressupomos que discurso e gramática estão inter-relacionados e que essa afinidade interfere nos usos linguísticos.

² Nossas referências à *gramaticalização*, neste texto, a concebem como um processo de progressiva perda de autonomia da palavra e sua efetivação como partícula funcional. No processo evolutivo, um item muda de um estágio lexical para um gramatical, ou se já gramatical, para um mais gramatical ainda. Assim, os elementos linguísticos podem perder em autonomia sintática e semântica, mas ganham em funcionalidade discursiva e pragmática.

³ O *corpus* Editoriais jornalísticos do século XX na Paraíba (Silva, 2005) é composto por 180 editoriais do jornal A União, o mais antigo a circular no Estado. Contém textos de edições lançadas a partir de 1900, encerrando em 1999. Já o *corpus* de fala, o LSP (Stein et al., 2012), é formado por entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes de várias cidades do sertão paraibano, com estratificações relativas a zona urbana/zona rural, idade, sexo e nível de escolaridade. Ambos os *corpora* foram estruturados seguindo os rigores científicos indicados para a pesquisa linguística.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

O texto está organizado em três seções: na primeira, apresentamos as bases a partir das quais refletimos acerca da configuração de uma gramática de fundamento funcional; na segunda, recuperamos um pouco da trajetória funcional do *mas* ao longo de sua história na língua portuguesa; na sequência, evidenciamos uma amostra descritiva de dados e, para concluir, tentamos pontuar uma reflexão sobre potenciais aplicações no ensino de gramática na educação básica.

1. Gramática funcional e ensino

Na perspectiva da chamada Linguística Funcional Norte-Americana, a língua é concebida como maleável e dinâmica, estando suscetível às interferências contextuais. Por esse motivo, a gramática está em permanente constituir-se, sendo passível de influências dos falantes e das condições de produção linguística que os envolvem nas situações de uso. Vistos a partir dessa ótica, gramática e discurso são indissociáveis, uma vez que pressões internas e externas ao sistema atuam sobre a estrutura linguística e promovem as alterações impostas tanto pela força do contexto como pelas necessidades expressivas e interacionais dos falantes.

Conforme declara Martelotta (2011: 55), a análise exercitada a partir desse prisma considera “aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados”. Esses aspectos, ainda segundo o autor, só podem ser observados tendo como base a interação porque eles refletem a mente dos indivíduos inseridos em um determinado ambiente cultural⁴.

Comumente, há esforço dos falantes no sentido de tentarem empacotar o conteúdo de suas mensagens com modificações na estrutura morfossintática da língua, fato que incorre em contínua exposição a fenômenos de variação e mudança linguística. Desse contexto, emergem as inovações lexicais, estilísticas e também morfossintáticas que perfazem a função-significado mobilizadora dos usos.

⁴ Um grupo de linguistas brasileiros, precisamente os alocados em centros de pesquisas do Rio de Janeiro, cognominou de Linguística Funcional Centrada no Uso, a vertente dos estudos funcionalistas que amplia seu campo de visão para cobrir dados semânticos, discursivos, e pragmáticos, numa perspectiva que contempla o aspecto cognitivo envolvidos nos usos da língua. Certamente, orientaram-se pelo que Tamasello (2003) chama de *The usage-based approach*.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um "mas" no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Ford, Fox e Thompson (2003: 122) afirmam que a gramática, numa perspectiva funcional, deve ser vista como "um conjunto de formas, padrões e práticas que servem às funções que os falantes necessitam desempenhar mais frequentemente". Isso quer dizer que as pressões de uso agem sobre o sistema e influenciam sua estrutura. Assim sendo, tem-se que a materialidade da língua é motivada pelo seu *designatum*. Ou, dito de outra maneira, que a estrutura linguística assume o formato que assume porque há um conteúdo a ser expresso e ele determina as condições em que se pode expressá-lo. Ou seja, há iconicidade na produção da linguagem verbal.

Atrelar o formato da gramática às pressões verificadas nas situações de uso significa, de certo modo, prever uma permanente situação de variabilidade linguística. Assim, defende-se a natureza fluida e emergencial dos padrões linguísticos e sua relação (inter)subjéctiva com as intenções do falante, seu conhecimento de mundo e sua antecipação sobre o que dele espera o interlocutor.

Conforme observamos em Hopper (1987), a gramática de uma língua é uma coleção aberta, de tal maneira que está constantemente se reestruturando, adquirindo outras acepções semânticas e novas estruturas morfossintáticas durante o uso. Há, certamente, a ocorrência de regularidades/estabilidades, mas elas duelam com as mudanças originadas na interação entre os falantes e toda a interferência que o contexto impõe sobre os atos de comunicação. A estabilidade demanda frequência de uso, o que, logicamente, depende do compartilhamento de formas cristalizadas que duelam contra a emergência de novas formas. Tem-se, portanto, um contínuo fazer-se e refazer-se do sistema, que é adaptativo e vive em permanente devir. Ou, como diria o próprio Hopper (1987: 161), as formas "estão sujeitas aos caprichos da memória, do cansaço ou à ausência do reforço dos interlocutores. As regularidades emergentes são agrupamentos, são sedimentos de frequência".

Defender uma visão funcionalista da língua é conceber que as palavras se conectam para imprimirem materialidade linguística ao discurso. No entendimento de Givón (2001), o significado se concretiza através da combinação de conceitos formulados em informação de carácter proposicional. Dessa perspectiva, entende-se que o domínio cognitivo, que engloba aspectos socioculturais, está relacionado à interação verbal, atingindo deslizamentos categoriais, variações e mudanças, fatores que interferem nas regularidades da língua, confirmando a não-autonomia da gramática e sua dependência dos contextos. Por outro lado, é com a rotinização de estratégias linguístico-gramaticais que se constrói o discurso.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Uma das premissas dos estudos funcionalistas consiste em atribuir à frequência de uso um lugar de centralidade na análise e interpretação de dados. Para efeito de generalizações sobre a natureza dos usos, há que se levar em conta dois fatores aparentemente paradoxais relacionados à alta frequência: i) ela é atestado de cristalização do item ou construção no cumprimento de uma determinada função, e ii) ela pode levar o item a inserir-se em contextos inaugurais que lhe condicionem para o exercício de funções inovadoras, em decorrência da pulverização de uso em enunciados diversos.

Daí considerarmos que, se por um lado, a alta frequência é potencialmente estabilizadora, por outro, pode ser responsável por variações e instabilidades. Isso significa que, quanto mais recorrente for a utilização de uma forma linguística, mais provável será seu deslocamento para o exercício de funções inovadoras no discurso. Além disso, a rotinização de usos inovadores em determinadas posições estruturais, mesmo que estranha aos modelos estabilizados, especializa, consolida e cristaliza novas funções para itens já existentes.⁵

Na presente análise, consideramos a classificação tradicional do *mas* como conector opositivo e, em consonância com a abordagem funcionalista que admite a existência de um *continuum* no qual se podem perceber níveis variados de atuação dispostos numa ordem escalar, sugerimos que o item codifica diversas outras funções.

Nossa análise se apoia na concepção de fluidez de fronteiras que entornam as categorias, levando em conta o comportamento multifacetado do *mas*, em situações comunicativas nas quais ele parece sobrepor e acumular valores discursivos que atenuam seu papel opositivo. Nesse contexto, extrapolamos a abordagem sustentada pela gramática tradicional e apontamos o exercício de diversas funções concretizadas na dinâmica da língua em uso.

A frequência de uso que o coloca como o mais popular dentre os itens adversativos em língua portuguesa do Brasil, segundo Silva (2005), permite que o *mas* apareça em contextos inusitados, que sinalizam funções diferenciadas das historicamente conhecidas. E isso pode ser indício do desempenho sistemático de novas funções, conforme buscamos argumentar na resenha que segue.

⁵ Essa percepção de que os índices de frequência atuam diretamente nos rumos da estabilidade ou da variação/mudança dos itens linguísticos nos dá tranquilidade para analisar o comportamento do *mas*, mesmo que não exponhamos aqui, por uma questão de escopo, dados estatísticos, afinal, em qualquer interação ou produção textual de falantes proficientes em português, é fácil atestar a produtividade do item, seja em contextos de oralidade, seja na língua escrita.

2. Notícias funcionalistas acerca do *mas*

O percurso de gramaticalização trilhado pelo *mas* retrocede ao latim, quando *magis* se recategorizou de advérbio em conjunção, semantizando-se com um valor adversativo. Na passagem para as línguas neolatinas, o *magis* entrou como portador tanto da função adversativa como da intensificadora. Com o transcorrer do tempo, o item reduziu sua matéria fônica, assumindo a forma *mas*, tal qual a conhecemos hoje.

Segundo Barreto (2002), a função relacional é resultado de outras mudanças anteriores, a saber: o advérbio *magis* exprimia uma noção de espaço (equivalente a *tanto mais*), passando a expressar noção temporal, em usos como “um tanto mais esperada”.

Em estudos realizados por Silva (2005), o item assume as funções de conector opositivo e de sequenciador textual, com clara predominância da primeira. Em relação aos registros do *mas* sequenciador, quando aciona a continuidade textual, Barreto (2002) defende que não se trata de um uso recente. Segundo a autora, há ocorrências dessa funcionalidade já no período arcaico da história da língua. Curioso é que embora o item continue assumindo funções inovadoras, mantém seu papel original e prototípico de conector adversativo, sendo bastante produtivo na sincronia atual.

Ainda de acordo com Silva (2005), em dados de língua escrita, o *mas* se insere em contextos nos quais tem funcionado com seu valor sequenciador mais saliente, atuando como introdutor de informações novas. É provável que, desse ponto, o item tenha evoluído para usos ainda mais abstratos, passando a estabelecer relação com o contexto, no que diz respeito às esferas de produção do discurso.

Essa percepção autoriza inferir uma leitura mais pormenorizada da cadeia de gramaticalização do item: de advérbio, o *mas* evolui para um papel conectivo com valor de adversidade. Essa mudança se dá no eixo sintagmático, uma vez que ocorre mudança categorial. Dos usos adversativos, *mas* se arrisca em funções sequenciadoras nas quais tem seu valor opositivo atenuado, até chegar aos usos mais abstratos, que envolvem fatores diretamente relacionados à interação. Nesse ponto, o item recebe alterações na perspectiva discursiva, assinalando a presença de aspectos concernentes à orientação voltada para o ouvinte/leitor.

Esses processos de mudança linguística, em sua maioria, são influenciados por fatores de natureza pragmática, quando entra em cena a *discursivização*, perspectivada como fenômeno que encampa o

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

processamento do discurso, nela envolvida a interação entre os usuários.

Tomando pressupostos defendidos por Traugott (1995), para quem a introdução do componente pragmático no universo da gramática torna desnecessária a divisão entre gramaticalização e discursivização, defendemos que a discursivização é um dos pontos de partida nessa trajetória possível para a história do item e que ela se acomoda como uma manifestação do fenômeno da gramaticalização. Merece relevo o fato de que os estudos da autora tratam os marcadores discursivos como fenômeno inerente ao processo da gramaticalização.

Em relação à proposta de Traugott (1995), um estudo publicado por Görski, Rost e Dal Mago (2004) advoga pela viabilidade de inserção de um componente pragmático na definição da gramaticalização, considerando que a gramática é responsável pela estruturação de aspectos comunicativos/cognitivos da linguagem.

Para Traugott (1995), construções que apresentam sintomas de discursivização estão, na verdade, em fase inicial de gramaticalização, considerando que a característica de tais ocorrências é o fortalecimento pragmático.

Também é creditada a Traugott (1982) a proposta que identifica uma trajetória de mudança rumo à subjetivização, como inerente ao processo de gramaticalização interlínguas. A autora percebe, baseada na divisão das funções da linguagem formulada por Halliday e Hasan (1976), um percurso de mudança que parte do componente ideacional, passando pelo textual para desembocar no interpessoal. Essa trajetória ocorre num nível crescente de subjetividade, já que os significados derivados vão se distanciando das fontes referenciais e se tornando cada vez mais subjetivos.

Como visto, numa perspectiva funcional, os termos da língua estão em permanente ebulição e podem alterar seu estatuto léxico-gramatical, se considerarmos a condição fluida das categorias linguísticas e suas fronteiras flexíveis. O *mas*, como qualquer outro item da língua, não foge a essa condição.

Na próxima seção, atentos ao comportamento multifacetado do conector, tentaremos refletir sobre o ensino de gramática, reivindicando que o professor dê centralidade aos usos linguísticos e acesse o leque de possibilidades didático-pedagógicas que eles aventam.

3. Ensinar gramática é basicamente ensinar usos da língua

As discussões sobre ensino de língua, desenvolvidas a partir da década de 80 do século passado, capitaneadas, especialmente, por Geraldi (1984) e Franchi (1987), e mais adiante incorporadas na

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), continuam na ordem do dia, embora tenham assumido outros contornos políticos.

No ensino de gramática, especificamente, sabe-se, desde o início do novo milênio, conforme repercutido por autores como Antunes (2014), Bagno (2000), Castilho (2010), Neves (2003), entre outros, da necessidade de atualização das intervenções didático-pedagógicas, considerando além da seleção de conteúdos gramaticais mais produtivos, a relação das práticas escolares com os usos efetivamente demandados pelos diversos contextos sociais.

Assim, continua a reivindicação para que o foco se desvie da metalinguagem, com maior investimento em epilinguagem, que ganharia centralidade na reflexão linguística, mesmo sem deixar de considerar a relevância da terminologia para aquisição de conhecimentos acerca da língua.

Nesse contexto, parece ser consensual a necessidade de defender e reivindicar maior investimento no processo de formação inicial e continuada do professor. Frise-se a necessidade de instigar a apropriação dos fundamentos teóricos que circulam na academia e no mercado editorial para que o docente possa reunir condições de aplicar seu conhecimento - da e sobre a língua - nos variados contextos de ensino e aprendizagem.

Como dito em Melo e Silva (2019: 08), o professor precisa alçar os usos da língua à prática de um ensino reflexivo e formular questões que provoquem o raciocínio do aluno. Desse modo, haverá espaço, por exemplo, para uma discussão sobre como “uma forma livre da língua pode se tornar fixa/presa, ou vice-versa, exercendo uma nova função e assumindo um sentido inovador, ao mesmo tempo em que preserva, em outros contextos, seu sentido e seu valor originais.”

A visão de língua pautada numa perspectiva funcionalista, conforme defendida por Ramos e Silva (2015: 439), projeta a possibilidade de compreensão realista do ensino dos conteúdos gramaticais. Para os autores, “a gramática integra sentido e estrutura linguística, estando o sentido condicionado às funções comunicativas. O estudo da língua, sob essa perspectiva, deve levar em consideração a interação entre os componentes *formal, funcional, pragmático e discursivo* [...]”. (grifado no original)

Conforme demos a entender no início deste texto, nosso propósito básico, ao provocar esta reflexão, é sugerir um ensino de língua que considere a gramática um artefato real, usual, emergente e absolutamente dependente do contexto. Para isso, tomaremos dados de língua em uso, focalizando, em específico, o conector *mas*, para a partir deles apontarmos a viabilidade de aplicação da abordagem funcionalista num ensino de gramática que considere a centralidade do (con)texto.

4. Por uma gramática de usos

Tomando como exemplo seis ocorrências do conector *mas* nos *corpora* pesquisados⁶, passamos a realçar investidas nos domínios discursivo-pragmáticos viabilizadas a partir dos contextos de usos deste item linguístico.

A seleção dos dados para ilustrar a análise guiou-se pela preferência àqueles que são representativos de funções que fogem às recorrentes situações adversativas exploradas nos manuais de ensino, em gramáticas escolares e livros didáticos. Nelas, enxergamos a multifuncionalidade do conector, que, dispondo-se sintaticamente e constituindo-se semanticamente, mobiliza uma gama vasta de recursos discursivos.

Iniciemos pelos dados de língua escrita:

- (1) Não podemos dizer que respeitamos e defendemos os direitos humanos quando combatemos a discriminação de raça, cor, sexo, idade, religião, **mas** nos acomodamos com a exploração econômica de povos mais desenvolvidos sobre povos menos desenvolvidos. (A UNIÃO – João Pessoa, 08 de junho de 1999)

Nesse recorte, congrega-se uma sequência de orações, cujas informações se interconectam de tal maneira que sua segmentação para análise dificultaria a identificação direcional do teor opositivo de *mas*. Contra qual das informações anteriores se volta a informação adversativa principiada pelo conector? A solução mais adequada parece ser considerar a ampliação do escopo discursivo do *mas*, considerando-se que ele se contrapõe a toda a sequência, isto é, *acomodar* se opõe a *respeitar, defender e combater*.

Depreende-se, ainda, nesse contexto, uma sutil relação entre informação opositiva e temporal, visto que o valor opositivo se mantém, implicitamente, mesmo quando reformulada a sentença, introduzindo-se um item indicador de temporalidade:

- (1a) Não podemos dizer que respeitamos e defendemos os direitos humanos quando combatemos a discriminação de raça, cor, sexo, idade, religião, **ao mesmo tempo em que** nos acomodamos com a

⁶ Considerando as limitações impostas pelo gênero que ora produzimos, nossa análise se restringe a essas ocorrências do item, sendo metade de usos da escrita e metade do *corpus* de fala.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

exploração econômica de povos mais desenvolvidos sobre povos menos desenvolvidos.

O uso de *mas*, nessa ocorrência, é decisivo para indicar, à primeira vista, a intenção do usuário em ressaltar o teor opositivo das informações sequenciadas. Por outro lado, não dá para aceitar uma pretensa independência que se tenta atribuir a orações como a encabeçada pelo referido item. Nesse caso, o sentido da oração é dependente e indissociável do sentido global do enunciado e mesmo sua autonomia sintática é discutível, se isolada do contexto global.

Em (2), a seguir, o uso de *mas*, num conglomerado de informações, contrapõe-se não especificamente à oração imediatamente precedente com quem constitui o período; de fato, ele se volta, também, para as informações postas no período anterior. Esse arranjo sintático se faz possível pelo uso do conector em início de frase. Assim, a ligação semântica não se estabelece necessariamente entre as orações adjacentes.

- (2) O gabinete de Carneiro Leão era conservador e expressava o mando da classe proprietária dominante no quadro sócio-econômico da Nação e logo em 1844 os liberais conseguiram a maioria. Caíram os conservadores e subiram os liberais, que governaram até 1848. **Mas** os conservadores reagiram e entraram em luta contra os liberais durante todo o “quinquênio liberal”, que se tornou assim quinquênio de crises políticas que o Gabinete não tinha condições de resolver e superar. (A UNIÃO – João Pessoa, 15 de fevereiro de 1992)

Em *Caíram os conservadores e subiram os liberais, que governaram até 1848*, há uma oração “independente”, sem conectivo, ligada, na sequência, a uma aditiva iniciada pelo *e*, a qual funciona como matriz para uma relativa. A oposição da oração seguinte, principiada pelo *mas*, está relacionada à informação veiculada na primeira oração da série. Merece destaque o fato de o *mas* ser bastante produtivo na abertura de períodos e, especialmente, de parágrafos, o que não seria a posição estrutural esperada para a conjunção numa perspectiva prescritivista.

Já na ocorrência (3), O *mas* tem sua interpretação pontual inviabilizada, uma vez que, descontextualizadas as informações, fica impossível lhe atribuir funções e analisá-las coerentemente. Muitas vezes, o escopo do item abrange dimensões que ultrapassam as fronteiras das orações adjacentes, entremeadas por orações encaixadas

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ou intercaladas, exigindo que se retroceda e se avance na linearidade textual para considerar as estratégias argumentativas enredadas na codificação da informação.

- (3) Bem, se houve falha, a falha, agora, foi reparada. Em ordem inversa, **mas** foi reparada: Academia Pernambucana de Letras, Academia Brasileira de Letras... e, por fim, Academia Paraibana de Letras. (A UNIÃO – João Pessoa, 08 de outubro de 2000)

Os limites estabelecidos pela pausa, indiciada pela pontuação, não correspondem à completude informacional que só se estabelece quando se amplia o recorte estrutural. Isolada, a sequência “Em ordem inversa, mas foi reparada”, faz saltar aos olhos a impossibilidade de apreensão das relações sintáticas e semânticas que se avultam no contexto maior.

Diferentemente dos exemplos formulados pelas gramáticas e livros didáticos para o estudo da conjunção *mas* e das frases complexas que ela articula, na língua em uso, as situações fogem ao enquadramento rígido que considera apenas o tipo de oração – no dualismo dependência/independência – e o valor semântico da conjunção para, então, classificá-la como coordenada adversativa.

Selecionamos, para ilustrar a multifuncionalidade do conector *mas* em dados de oralidade, também, três ocorrências nas quais o item se insurge em início de turno e introduz frases interrogativas. Pretendemos, com isso, chamar a atenção para a gama de possibilidades exploratórias que se oferecem nesses contextos. Neles, o escopo estrutural atingido é, a princípio, dependente do teor semântico que influencia a função gramatical, mas seu papel discursivo vai além das relações textuais, acionando funções discursivo-pragmáticas.

De fato, quando usado em contexto de tomada de turno, o *mas* introduz perguntas que envolvem o tópico discursivo com diferentes propósitos: recuperar, manter, reorientar, desativar. O entrevistador se faz valer de sua habilidade discursiva para aprofundar, detalhar, questionar, contrapor, investindo em atitudes linguísticas mais – ou menos – eficazes, conforme o contexto lhe seja favorável ou não.

Vejamos como esse comportamento se revela:

- (4) I: Sempre quando a gente se encontra, apesar da gente também ser colega na sala de aula... é pra falar nos estudos ou pra conversar alguma coisa, assim.
E: **Mas** aí, o pessoal vai muito pra essa discoteca? Não os teus amigos, outras pessoas?

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

I: Vai, vai, e lá é bom, eu já fui. Ahn, assim...

(LSP; Inf. 1)

O entrevistador questiona o informante sobre uma casa noturna que há na cidade. No trecho em evidência, o informante responde com uma informação parentética que, de certa forma, desvia o cerne do assunto proposto, cuja curiosidade central recaía sobre que classe social da cidade frequentava o referido ambiente. Ao assumir o turno de fala, o entrevistador retorna para o tema específico: a frequência da discoteca pela população da cidade. Desse modo, ele realiza uma intervenção que visa a não permitir a fuga ao tópico discursivo. Portanto, a estratégia usada pelo entrevistador revela sua preocupação em recuperar o tópico.

Na fala do entrevistado, em (4), o *mas* não está ligando ou relacionando orações, nem tem teor adversativo que estabeleça oposição entre as informações prévias e as posteriores. Seu papel parece ser o de indicar para o interlocutor que este não atendeu às expectativas em relação às informações mais relevantes pretendidas.

No caso do recorte (5), a seguir, o que ocorre é mesmo mudança de tópico:

(5) I: Eu queria ir, mas em relação à cidade eu queri/ quero morar aqui. Pouco aqui a gen/ a gente fala muito em seca, por quê? Porque aqui chove pouco, mas em relação a... abastecer a cidade [...] a gente nem se preocupa porque aqui disponibiliza de muita água... que tem muita água.

E: **Mas**, assim, você já ouviu falar dos seus pais como era antigamente, aqui, // você sabe?

(LSP; Inf. 2)

A conversação se mantém em torno da opinião do informante sobre a situação hídrica da cidade que se localiza em área onde a incidência de secas é recorrente. O informante relata sua visão acerca do tema, mas é interrompido pelo entrevistador, que impõe um novo direcionamento temático à conversa: *como era a cidade em tempos passados*. Ocorre, portanto, uma ruptura causada pela intervenção discursiva do entrevistador, visando à mudança no tópico desenvolvido.

O que parece ser bem relevante para a análise linguística é o fato de o conector ser usado em contexto interrogativo e destituir-se de sua funcionalidade mais prototípica que é estabelecer relação entre ideias opostas.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Na ocorrência (6), a seguir, observamos a intervenção do entrevistador visando à manutenção do tópico:

(6) E: Qual a diferença entre a Catolé do passado e a Catolé de agora, assim, que mais lhe impressiona? Qual a diferença?

I: O setor industrial.

E: Por quê?

I: Porque Catolé, hoje, já tem ganhado um campo muito grande na parte industrial, né? Nós já dispomos de, de, de várias indústrias. Nossa cidade já tem garantia de empregos, né... pra muitos cidadãos catoleense. [...] Isso é uma das coisas que foi bom pra cidade, que eu vejo com muito orgulho.

E: Ahn. **Mas** foi bom, assim, por quê?

I: Geração de empregos, né... que é um dos pontos fundamentais. E também o nome da cidade vai se evoluindo a cada vez mais. [...].

(LSP, Inf. 03)

Nesse contexto, o entrevistador procura instigar seu informante a elaborar mais o tema em desenvolvimento e alongar o relato. Sua intervenção, portanto, objetiva manter o tópico, estimulando o informante a fornecer mais informações sobre a cidade, que é o assunto em voga. Assim, busca instigar seu interlocutor a imprimir maior relevo informacional no desenvolvimento do tema.

No gênero *entrevista*, esse recurso ocorre com bastante frequência posto que o entrevistador pode controlar, além do tempo de duração do evento, o contingente informacional que vêm à tona. Na *entrevista sociolinguística*, isso também ocorre, embora, nesse caso, o interesse real não seja a qualidade da informação propriamente dita, mas fazer com que o informante produza o maior volume possível de texto, mantendo uma pretensa naturalidade na elocução.

Isso traz à baila a importância de se trabalhar, no ensino de gramática, com noções de gêneros textuais, já que a influência dos contextos e do propósito comunicativo é absolutamente relevante para a funcionalidade e circulação social dos textos. Nesses casos, a influência das pressões externas vai agir, iconicamente, sobre o formato que a estrutura exige.

Do exposto, constatamos que, na posição de iniciador de turno, de modo mais saliente na fala do entrevistador, o *mas* assume um papel distinto da função tradicionalmente a ele atribuída, que é o de conector adversativo, especialmente útil na união de orações coordenadas, autorizando as considerações que tecemos a seguir.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A utilização do *mas* pelo entrevistador parece querer enfatizar seu interesse na fala do informante, não deixando passar informações que lhes pareçam, sob algum ponto de vista, inaceitáveis; nesse caso, se preservam resquícios do valor opositivo do item.

O *mas* no início de turno pode reforçar a impressão de que se estabelece uma continuidade, mesmo que se parta para outros aspectos da temática abordada. Além disso, as subfunções identificadas nos usos do item, nessa posição estrutural, tornam-no especialmente útil à formulação de perguntas que retornam aos temas em discussão, possibilitando retomadas e regressões a partes anteriores da conversação, solucionando a volta de digressões, pouco importando a dimensão do escopo relativo ao assunto recuperado. Assim, o item está diretamente envolvido no gerenciamento da topicalidade discursiva.

5. Aplicar para refletir, refletir para aplicar: uma conclusão possível

Como sabemos, as conjunções são apresentadas, nas gramáticas tradicionais, como uma classe fechada e invariável que se restringe a ligar orações ou termos coordenados no interior de uma oração. Salvo raras exceções, são desconsideradas suas especificidades discursivas e argumentativas. Evidentemente, não advogamos que as aulas de gramática, baseadas nesses compêndios, desçam a minúcias que inflacionem ainda mais a terminologia gramatical e em nada potencializem o saber linguístico que o aluno detém e que precisa ampliar.

Diferentemente dessa postura, nossa sugestão é que a escola lide com material linguístico diversificado, contemplando textos escritos e orais dos mais variados gêneros; que possa explorar as sutilezas discursivas manejadas pelos usuários da língua, instigando a curiosidade do aluno acerca das estratégias mais produtivas. O objetivo nuclear deve ser levar o discente a perceber quais são os recursos linguísticos que empacotam o conteúdo semântico e acionam reações pragmáticas nos eventos interacionais.

Os exemplos que alçamos do comportamento multifuncional do *mas* podem ser estendidos a incontáveis itens da língua, especialmente, os de classes mais essencialmente relacionais, como preposições e conjunções.

Sabemos que é dever da escola desafiar o aluno a pensar sobre a língua, sobre se o que se disse corresponde ao que se queria dizer, sobre se o que se interpretou é de fato autorizado pelo que textualmente se disse. Mais do que tudo, estimulá-lo a refletir sobre o uso de marcadores, de conectores, de operadores que interferem no

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um “mas” no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

direcionamento interpretativo, ou que organizam o discurso, embora sejam aparentemente destituídos de conteúdo semântico. Essa pode ser uma prática mais relevante do que obrigá-lo a classificar palavras e listar funções sintáticas em exercícios sem nenhum propósito de análise vinculado aos usos possíveis.

Nesse sentido, contextualizar a linguagem verbal e esmiuçar o funcionamento da estrutura gramatical relacionada à construção de sentidos, viabilização de intenções e materialização de propósitos comunicativos pode, no mínimo, despertar a curiosidade do aluno pelo sistema, pela função, pelo uso competente da língua, pela própria norma.

Essa defesa de uma adesão funcionalista não significa que queiramos extinguir a abordagem tradicional, de caráter eminentemente estruturalista, já consolidada na escola. Sabemos que ela detém fundamentos que se adequam a exemplos *ad hoc* e descontextualizados, mas que podem servir de base para reflexões mais maduras e efetivamente produtivas à aquisição dos dialetos mais valorizados socialmente. Entretanto, sua utilização precisa ser redimensionada a partir de uma intervenção crítica e consciente.

Refletir, questionar, analisar, ponderar, expandir são verbos dessa natureza que devem guiar a prática de professores de língua, num contexto em que aulas de leitura e de produção textual sejam, também, aulas de conteúdos gramaticais, reconhecendo-se que não existe texto sem gramática, compreendendo-se que esta emerge dos usos. O foco deve ser tornar o aluno proficiente e linguisticamente emancipado para resolver as necessidades expressivas/comunicativas demandadas em contextos sociais os mais diversos.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, I. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola, 2014. 158 p.
- BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BARRETO, T. M. M. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). *O Português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: Edufba/UEFS, 2002, v. 1, p. 161-193.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEF, 2000.

SILVA, Camilo Rosa. Tinha um "mas" no meio do caminho: abordagem funcional de gramática no ensino de português. *Revista Intercâmbio*, v. XL: 67-82, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, n.9, 1987, p.5-45.

FORD, C. E.; FOX, B; A.; THOMPSON, S. A. Social interaction and grammar, *In The New Psychology of Language: cognitive and functional approaches to language structure* (Vol. 2) (TOMASELLO, M., ed.), Mahwah, NJ, Erlbaum, 2003.

GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1984.

GÖRSKI, E. M.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. (Org.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

GIVÓN, T. *Syntax*. V. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. Neu York: Longman, 1976.

HOPPER, P. J. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistic Society. 13, 1987. p. 139-153.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, R. M.; SILVA, C. R. *Que ensino de gramática propõe a base nacional comum curricular do ensino médio? (inédito)*, 2019.

NEVES, M. H. M. *Que gramática ensinar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. Orações adverbiais introduzidas pelos transpositores *sem/sem que*: relação entre a ordem da oração satélite e os propósitos comunicativos. *Letrônica* (Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS). Porto Alegre, v. 8, n. 2, julho-dezembro 2015, p. 438-453

STEIN, C. C. et alli. *O Linguajar do sertão paraibano. (Corpora urbano e rural)*. João Pessoa, EDUFPB, 2012.

SILVA, C. R. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista dos conectores de oposição em editoriais jornalísticos*. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2005. 278f.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In HEINE, B.; NARROG, H. Narrog (eds.). *The Oxford handbooks of grammaticalization*. Oxford handbooks online. 1995.